

5. Autoconsciência e conhecimento humano de Jesus

Através do estudo dos evangelhos é possível captar elementos importantes da psicologia de Jesus. É possível conjecturar como Jesus se autocompreendia. Especialmente o que diz respeito à sua autoconsciência e ao seu conhecimento humano.

5.1. A autoconsciência de Jesus

Como o “homem Jesus” tinha consciência de que era o “Filho de Deus”? Como Jesus sabia que era o “Filho de Deus” e não uma simples pessoa humana?

O que ensinou a Igreja ao longo do tempo? Os grandes Concílios cristológicos da antiguidade cristã jamais abordaram formalmente a questão da consciência de Jesus. Mas oferecem elementos através dos quais podemos licitamente elaborar algumas reflexões acerca da psicologia de Jesus.

O que é a consciência humana? A consciência é a experiência que um ser vivo, dotado de razão, tem de si mesmo; é a “percepção” pelo sujeito de sua pessoa como tal. **Refletindo:** se o Verbo encarnado é uma só pessoa, é também um só sujeito consciente de si, ou seja, um só “eu”. Podemos, assim, afirmar com segurança que a **“única consciência de Jesus é então a de sua pessoa divina, encarnada e humanizada”**. **Importantíssimo: “Não podemos conceber a humanidade do Cristo como um sujeito pensante à parte”. O “eu” de Jesus é o “eu” do “Filho de Deus” tornado homem. O “eu” de Jesus é único.**

Todavia, através da união hipostática a ciência do Verbo divino é comunicada à natureza humana de Jesus. Mas esta comunicação, na economia da encarnação, obedece a um princípio fundamental: o respeito à condição humana de Jesus. Ao assumir a natureza humana, que ele não absorveu, o Verbo divino assumiu e respeitou todas as modalidades da atividade consciente, próprias dessa natureza. Por este fato, Jesus tomou consciência de si e dos outros por meio de uma temporalidade histórica que atravessa todas as idades de sua vida, conhecendo seu desenvolvimento e seu progresso.

Além disso, a perfeita condição humana assumida pelo Verbo encarnado proíbe, em nome de sua consubstancialidade conosco, atribuir a Jesus uma onisciência incompatível com a lei comum da existência humana. Deve-se, então, evitar tudo o que levaria a pensar em “dois andares” na psicologia de Jesus. Como revelador da salvação, Jesus era portador de uma mensagem de origem divina, ou melhor, de um conhecimento divino. Todavia, este

conhecimento de origem divina não está emancipado dos limites comuns da existência humana, ou seja, **esse conhecimento se dá no domínio da ciência humanamente adquirida.**

É evidente que isso que se acabou de dizer diz respeito somente ao **“Jesus pré-pascal”**. O modo, segundo o qual a união hipostática é vivida pelo Cristo depois de sua ressurreição, é bem diferente. **Ao entrar na glória do Pai, a humanidade de Jesus está agora revestida de todas as prerrogativas que são próprias do “Filho de Deus”. É certo que Jesus tinha consciência de sua divindade subjetivamente. A questão é: como um intelecto humano pode ser instrumento para uma pessoa divina se tornar consciente de si mesma? Como o Verbo encarnado se torna autoconsciente, de modo humano, na consciência humana de Jesus?**

Solução: a união hipostática invade a esfera consciente do homem Jesus. Ao assumir a natureza humana, o Verbo divino estende sua força até a consciência humana de Jesus. Deste modo, **a consciência humana do Filho de Deus é o prolongamento da consciência humana da união hipostática. Por isso, o “eu” do Verbo divino torna-se autoconsciente na consciência humana de Jesus. O “eu” de Jesus é a pessoa divina humanamente cônica. É o “eu” humano do Verbo.**

Concluindo, pode-se afirmar que a pessoa única e divina é, em Jesus, autoconsciente de modo humano, o que supõe a existência nele de um “eu” humano psicológico.

5.2. O conhecimento humano de Jesus

Que tipo de conhecimento teve Jesus? Conhecimento perfeito ou conhecimento limitado? Hipostaticamente unidas, as duas naturezas não se fundem. A natureza humana conserva-se integralmente. Com isso, as perfeições da natureza divina, no caso o conhecimento divino, não são comunicadas, diretamente, à natureza humana. Mas como as duas naturezas também não estão separadas uma da outra, o conhecimento de Jesus é o conhecimento do “Filho de Deus”. Além disso, o estado “quenótico” da existência humana de Jesus deixa perceber que a glória divina (*doxa*) permanece recolhida em sua vida terrena, até a hora de sua glorificação.

Deixa perceber também que o Verbo, tendo assumido plenamente a condição concreta do gênero humano, com exceção do pecado (cf. Hb 4, 15), participa de nossa situação, marcada por sofrimentos e pela morte. As perfeições humanas de Jesus são proporcionais a seu estado “quenótico” e se prendem à sua missão. **Jesus, em sua vida terrena, tinha as perfeições e os conhecimentos humanos necessários para bem cumprir sua missão salvífica.**

Os evangelhos apresentam contradições ao relatar os conhecimentos de Jesus. Por exemplo: a sabedoria de Jesus já causa espanto aos doze anos, no Templo (cf. Lc 2, 40). O povo fica admirado com sua doutrina (cf. Mt 7, 28), pois ele ensina com autoridade pessoal e única (cf. Mc 1, 22). Jesus revela maravilhosa intimidade com as Escrituras, sem tê-las estudado formalmente (cf. Jo 7, 15). Conhece os segredos dos corações (cf. Lc 6, 8). Por outro lado, a tradição evangélica atesta que Jesus ganhou “experiência” e “crescia em sabedoria” (cf. Lc 2, 52). Jesus também saboreava surpresas, fazia perguntas e chegou a admitir desconhecimentos (cf. Mt 24, 36; Mc 13, 32). Em suma, os evangelhos revelam que Jesus certamente sabia de sua identidade pessoal de “Filho de Deus” e deve ter tido “especial conhecimento” do Pai para revelá-lo à humanidade.

No entanto, os evangelhos relatam que Jesus também teve desconhecimentos e dúvidas; ou seja, o conhecimento de Jesus também foi marcado por limitações. A possível solução para essas contradições encontram-se na “quenose” do Verbo divino. Ao assumir a condição humana, o verbo submeteu-se à lei universal do itinerário de crescimento progressivo próprio de todo ser humano.

Explicando: o recém-nascido em seu berço tem apenas uma consciência muito fraca: ele não fala e ainda não é capaz de tematizar o que nele há. Portanto, podemos dizer que essa criança já sabe que é um homem no pólo originário de sua consciência. Ele ainda não sabe nada no plano de uma consciência refletida, mas possui um saber de si mesmo, que lhe pertence congenitamente, pois já é um pequeno homem. A prova disso é dada pelo fato de que é capaz de entrar progressivamente em comunicação com sua mãe e seus familiares. Exprime suas necessidades por gritos ou pelo choro e sua satisfação por gestos, que constituem sua primeira linguagem. Progressivamente, responde aos sorrisos de sua mãe e aprende a falar. Seu acesso à linguagem não poderia se produzir se não existisse nele essa consciência original. À medida que cresce, terá então acesso à consciência reflexiva. O homem em potencial, que existia há tempos, vai se realizar. Esse itinerário conduzirá a criança à idade adulta e a esse futuro próprio que só terá fim com a morte. Cada um de nós está em estado de evoluir o que é desde a origem.

Tudo isto Jesus viveu, tudo como nós, mas com uma originalidade fundamental. O recém-nascido de Belém, o Verbo que se tornou criança, está consciente de sua identidade humana originária, como cada um de nós. Toda a sua vida, Jesus irá realizá-la como homem. Entretanto, no pólo original de sua consciência, que o habita, não há apenas o fato de saber que é um homem, mas o saber original que é um homem em uma relação única com Deus: ele é o “Filho”, único que pode dizer com toda verdade a Deus, **ABBA** (*papai*). Em Jesus, e unicamente nele, a identidade divina está inscrita no coração de sua identidade de homem.

Jesus progressivamente toma consciência de sua identidade divina, no decurso de sua existência.

5.2.1. Visão beatífica e visão imediata

Ainda com relação ao conhecimento de Jesus não se pode provar que Jesus tenha tido a “visão beatífica” na terra. Seu conhecimento íntimo do Pai, por mais direto e imediato que tenha sido, não pressupõe a visão beatífica. É certo que Jesus, nesta vida, teve “visão imediata” do Pai. Subjetivamente, Jesus estava consciente de sua identidade pessoal de “Filho de Deus”. O “*ego eimi*” de Jesus, categórico e absoluto, várias vezes presente no evangelho de João (cf. Jo 8, 24; 8, 28; 8, 58; 13, 19), exprime essa consciência subjetiva direta. A consciência subjetiva do Filho na humanidade implicava o conhecimento objetivo e intuitivo daquele de quem, no seio da divindade, o Verbo procede como Filho.

Jesus “vê” o Pai porque, em sua consciência humana, viveu conscientemente sua relação pessoal de Filho com Ele. **A consciência pessoal de Filho envolvia a visão imediata do Pai.** Porém, é necessário explicar que “visão imediata de Deus” é diferente da idéia de “visão beatífica de Deus”. Visão imediata não significa a visão do Deus trino por uma pessoa humana. Somente no céu, os “bem-aventurados” contemplam a Trindade divina. A visão imediata do Pai por Jesus não inclui a “**fruição beatífica**”, outorgada aos santos pela união definitiva com Deus, no fim da peregrinação terrestre. Ao contrário, o Jesus terreno, pré-pascal, está a caminho, rumo ao Pai. Sua alma humana, em situação “quenótica”, ainda não logrou a glória divina. A visão imediata do Pai por Jesus tornar-se-á beatífica somente no estado glorioso da ressurreição.

No estágio quenótico, há espaço para o sofrimento humano de Jesus, para o mistério de sua agonia e para se sentir abandonado pelo Pai na cruz. Além disso, a autoconsciência de Jesus e a visão imediata do Pai podem crescer e desenvolver-se, algo que inexiste na visão beatífica. **Concluindo:** Na Sagrada Escritura o termo “ver a Deus” não possui o sentido técnico que mais tarde lhe atribuirão os teólogos. Ver a Deus manifesta uma proximidade com Deus de que o homem, desde a queda simbolizada pelo exílio do paraíso é incapaz.

Ver a Deus é morrer. A Moisés e Elias (cf. Ex 33, 20; 1Rs 19, 11ss) é recusada essa visão. Já quer discutir com Deus, face a face. Deus, porém, se oculta no seio da tempestade. O fato de que Jesus tenha visto a Deus significa então, que Deus está com ele, numa proximidade e numa amizade jamais imaginadas até então. Sempre lembrando que o Cristo terrestre não se apropriou da glória que lhe pertencia de direito como Filho.

5.2.2. Conhecimento infuso

Não há dúvida que Jesus sabia tudo o que era necessário para a realização de sua missão salvífica. Jesus possuía um “**conhecimento infuso**”. Conhecimento, no entanto, muito diverso do chamado “conhecimento angélico”. Melhor compará-lo ao conhecimento infuso dos profetas. Os profetas, em decorrência de sua experiência de Deus, recebiam dele uma mensagem que, depois, deveriam transmitir a Israel. Assim, de certa forma, Jesus veio conhecer de Deus tudo o que lhe era necessário para levar a termo a própria missão e tudo quanto nos deveria revelar.

Por “infusão” outros conhecimentos chegavam até Jesus, como a profunda percepção do significado das Escrituras (cf. Jo 7, 15), sua intuição a respeito do plano de salvação da humanidade por Deus, o sentido salvífico de sua morte na cruz. Ele conheceu tudo o que era necessário à sua missão salvífica e não precisava conhecer mais nada fora disso.

5.2.3. O que Jesus não sabia

É, sobretudo, a propósito do “**Dia do Juízo**” que se põe esta questão. Os evangelhos revelam Jesus afirmando, com certa ênfase, que não conhece “o dia” (cf. Mt 24, 36; Mc 13, 32). Por um conhecimento infuso e profético, Jesus conhecia tudo o que precisava saber, em sua missão reveladora e salvífica. Se o “dia do juízo” não constava da missão reveladora de Jesus, não era preciso que o conhecesse então, simplesmente, não o conhecia. **O não saber faz parte de seu estado quenótico.**

A conclusão se impõe por si mesma: o Cristo em sua existência terrestre possuía duas ordens de saber: um saber adquirido de acordo com a cultura de sua época, e um conhecimento profético – infuso – que lhe permitia assegurar sua missão salvífica.